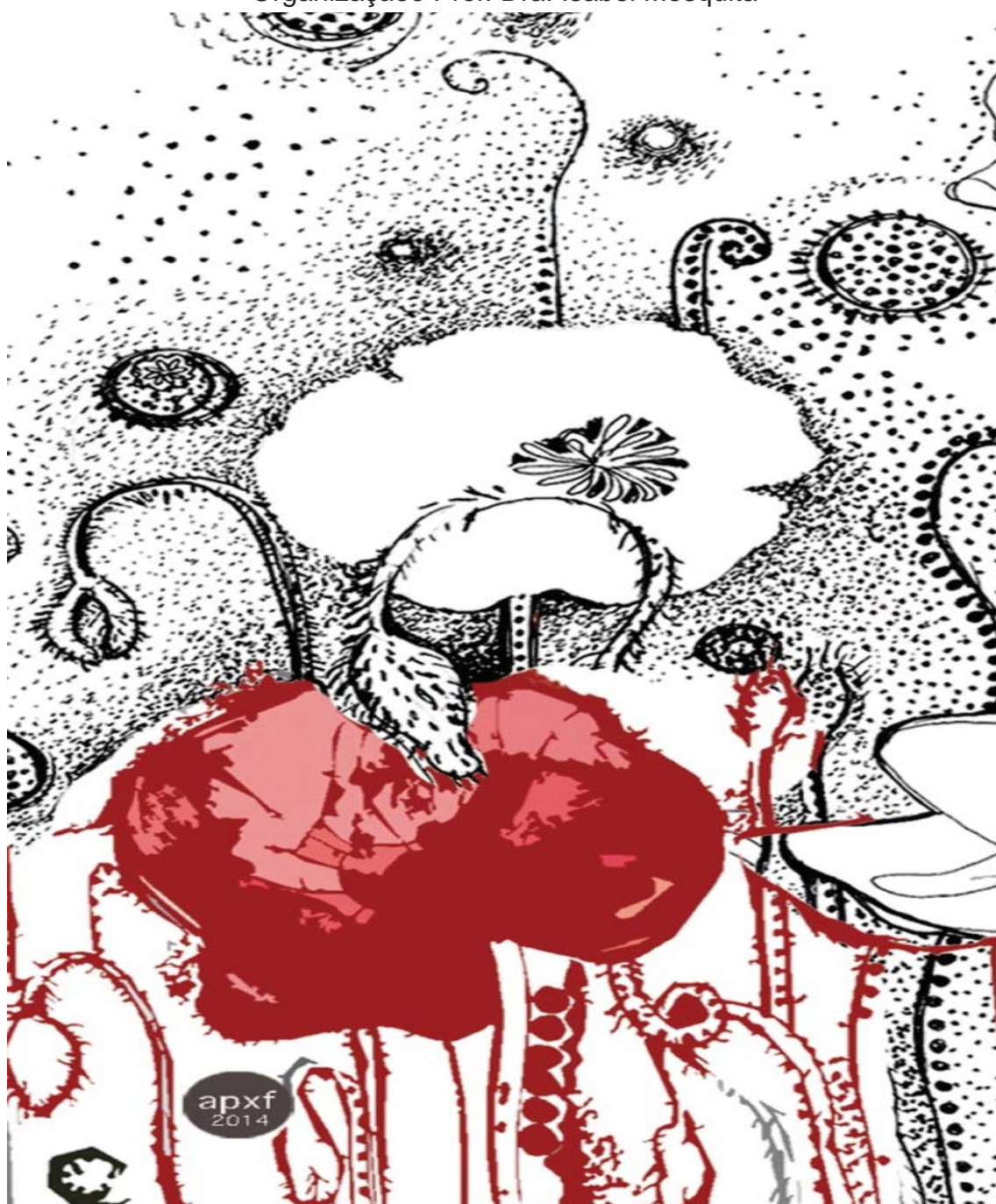


Encontro com (o) amor - percursos, expressões e desenvolvimento

Évora 14 e 15 de novembro 2014 | Auditório do colégio Espírito Santo

Actas do colóquio

Departamento de Psicologia ECS universidade de Évora
Organização Prof. Dra. Isabel Mesquita



Índice

De que se fala quando se fala de amor?

Afinal de que se fala quando se fala de amor?
Uma perspectiva filosófica. **Irene Borges-Duarte** 5

Biologia do amor: determinismo da escolha de parceiros entre homens e
mulheres **Jorge Araújo** 15

Conferência António Coimbra de Matos Amor à vida 39

Comentário à Conferência: “Amor à vida”, por António
Coimbra de Matos **Rui C. Campos** 45

Os desenvolvimentos do amor

Amor Parental. **Rosário Belo** 49

Amor na Infância. **Patrícia Câmara** 63

Percursos do amor

O amor do terapeuta. **Constança Biscaia** 73

Amor ao trabalho. **Paulo Cardoso** 79

As expressões do amor

Amor e Sexualidade: Perspectivas psicanalíticas. **David Figueirôa** 89

O amor e a política. **Jorge Lacão** 99

Desamores

"Que saudades eu tenho daquilo que eu não tive": Reflectindo sobre
depressão e amor. **Rui C. Campos** 111

As quatro componentes do amor adulto. Amor e psicossomática.
António Mendes Pedro 121

Investigando o amor

Do amor como tema de estudo científico. **Nuno Amado** 129

Investigando o Amor no Cancro da Mama. **Isabel Ventura** 137

**Conferência de encerramento Isabel Mesquita O que cada um quer que
o amor seja?** 145

Comentário à Conferência: “Amor à vida”, por António Coimbra de Matos

Rui C. Campos

Quero antes de mais agradecer à minha colega e amiga Isabel Mesquita o convite para comentar esta conferência. Uma tarefa desafiante que resolvi aceitar; é com enorme gosto que o faço! Tomarei apenas alguns minutos, antes de vos passar a palavra para questões e comentários. Não serei exaustivo!

Quero agradecer também ao Dr. Coimbra de Matos as suas palavras e o espaço de reflexão que criou, por nos ter brindado com um verdadeiro poema à vida. As suas palavras inspiraram, inspiram sempre, aliás, porque Coimbra de Matos é por sua vez alguém a quem a vida sempre inspirou, alguém que se deixa embalar no gozo dos afectos, da discussão de ideias e da criação. Se mestre é aquele que sabe e pode despertar no outro o fascínio pelo gesto de apreender, o gosto pelo movimento interno de pensar e o regozijo pelo acto de criar, então ele é seguramente um mestre. Só se pode verdadeiramente criar, se tivermos sido olhados pelos nosso pais e pelos nosso mestres, como nos sugere o autor da conferência, e ele tem essa genuína capacidade, essa mais nobre e profunda capacidade do ser humano, a de olhar o outro. João dos Santos afirmava: “Se podes ser criança, podes ser Homem, podes ser mestre”. Ousamos parafraseá-lo; “Se pudeste ser criança (se pudeste ser olhado e amado, por conseguinte) podes ser Homem podes ser mestre”. Coimbra de Matos partilha connosco a ideia de quem ama sempre acabará por ser amado, mas que amar a vida pressupõe mais que amar e ser amado, pressupõe amar a criação; mas, por sua vez, para criar é preciso a certeza do amor dos pais e dos mestres.

Na sua apresentação o autor fala-nos de amor à vida, mas fala-nos de muito mais, ou talvez fale sempre da mesma coisa - numa apresentação que toca o todo, que toca tudo; fala-nos de amor à vida, mas também de tudo o resto

que mais importa, porque nos fala de relação, de entusiasmo, de esperança, de fascínio, de sonho, de criação, de expectativa - será que o autor estará também a pensar na saúde mental? Mas deixa também, para quem o puder "ouvir", pensamos nós, o desejo de irreverência, não necessariamente de revolução; ilumina-nos o caminho, o de ir mais além; desejo que ele próprio e que o outro possam a ter coragem e a ousadia de querer e de olhar sempre mais à frente - qual encontro germinal, possante e gerador de vida e de mudança. A mensagem é para todos nós: ir além do politicamente correcto e da ortodoxia estabelecida, cada um pensar por si, duvidar do trabalho acabado, do pronto a pensar e a consumir. Deixa-nos o fascínio pelo que renasce, pelo novo, pelo que ainda não foi mas pode vir a ser – a indagação permanente, a descoberta – um olhar centrado no futuro; o passado, esse, pensamos, é para ser integrado, como guia-farol, que ilumina o que pode vir, em busca de outras terras, do desconhecido, que mostra onde há mar livre para navegar...

Convida-nos também, e ainda, no que respeita à prática clínica, a termos a ousadia de sermos autênticos, de fugir ao estabelecido e ao magistralmente aceite, em manuais cobertos de pó, em dogmas à medida de alguns. É a mensagem de um investigador inspirado e entusiasta; só o entusiasmo pelo outro, na sua opinião, pode curar, só o acreditar nele, cliente, pode transformar, acrescentamos nós; só o fascínio pela possibilidade de uma viagem a dois pode mudar, pode ajudar a renascer. Só se acreditarmos na pessoa à nossa frente ela pode acreditar em si – e então, é de uma verdadeira díade terapêutica que se trata; uma díade de investigadores, de cientistas que (se) descobrem, que criam também alguma coisa... mas... "sem memória e sem desejo" da parte do analista, diria Bion, sem um projecto... relação terapêutica que liberta, mas que ao libertar permite conhecer a verdade, porque a essência do cliente, pelo cliente, porque a verdade... é para se conhecer! Ao seu lado, o tempo que for preciso... O psicanalista enquanto *objecto-limite, que se apaga à medida que o paciente se ilumina*.

Mas Coimbra de Matos fala ainda de incerteza, de transformação, na verdade, pensamos, do jogo da existência humana. A incerteza do provir, mas ao mesmo tempo uma certeza pela continuidade do mundo e das coisas, pelo gozo da descoberta - é o fervilhar interno da pulsão epistemofílica - a

possibilidade de conhecer e questionar. Tudo muda é certo, como reflecte Coimbra de Matos, mas a certeza do olhar do outro, da pertença ao mundo das pessoas, essa certeza é precisa e preciosa, acrescentamos; sem essa certeza, a vida não tem sentido, não vale a pena vivê-la. A completa incerteza, a incoerência do mundo relacional é psicotizante. A esperança nasce da criação, da promoção de mudança no mundo, mas nasce também da ligação, ao outro e à vida; disto está convicto o autor. O amor e a relação permitem a criação, permitem o rendilhar de projectos, mas esta criação gera esperança num mundo melhor, o que permite, por sua vez, a transformação do outro - e fecha-se assim o ciclo...

Mas se a vida é criação, ela é também o prazer de existir, como acredita ainda Coimbra de Matos. E no fim... e no início... é a relação, é sempre a relação que transforma, que justifica e dá corpo à existência; o respeito, a aceitação e o afecto dos outros, qual matéria prima daquilo que de mais humano existe!